

Denise Cipriano Jabour e Rita MacDowell Tourinho
E se Prometeu se desacorrentar?...*

Este trabalho baseia-se numa livre adaptação do mito de Prometeu realizada por André Gide. Pela sua riqueza metafórica, escolhemos este ensaio para ilustrar algumas hipóteses, tanto da psicanálise quanto da psicossomática, sobre a relação mãe-bebê e suas conseqüências no desenvolvimento do psique-soma. Abordamos também o fenômeno da submissão, relacionando-o com a falência simbólica.

> Palavras-chave: Psicossomática, mito, corpo, submissão, relação mãe-bebê, falência simbólica.

This article is based on André Gide's free adaptation of the myth of Prometheus. We chose this essay due to its metaphoric richness, in order to illustrate some hypotheses of psychoanalysis and psychosomatics on the mother-baby relationship and its consequences on the psyche-soma development. We also discuss the phenomenon of submission and relate it with symbolic failure.

> *Key words: Psychosomatics, myth, body, submission, mother-baby relationship, symbolic failure.*

No livro *Le Prométhée mal enchaîné*, André Gide (1925) apresenta a seguinte fábula: *Um dia, no alto do Cáucaso, Prometeu se deu conta que suas correntes o ancilosavam, levantou-se e foi passear num boulevard em Paris. Ao entrar num bar, onde a regra, instituída pelo garçom, era arrumar os clientes sempre em mesa de três,*

com uma placa diante de cada um indicando nome e profissão, Prometeu informou que era fabricante de fósforos. Ao ser interpelado mais insistentemente pelos seus companheiros de mesa sobre seus bens, ele respondeu que possuía uma águia ou talvez um abutre. Instigado, Prometeu soltou um grito e sua águia, obscurecendo

*> Artigo apresentado em jornada interna do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, exclusivamente para seus afiliados.

momentaneamente o céu de Paris, penetrou, num turbilhão, dentro do café, quebrando os vidros, furando um olho de Coclès, um dos membros da mesa, e se abateu sobre o dorso direito de Prometeu. Este abriu seu colete, docilmente oferecendo um pedaço de seu fígado. Dentre as manifestações de surpresa dos presentes, a tônica recaiu sobre a deselegância do ato:

— Senhor, em Paris não é bem-visto alimentar águias com seus próprios fígados. A etiqueta recomenda que se deve deixar a águia fora do estabelecimento, ou vendê-la, ou aprisioná-la”.

Após alguns dias, Prometeu, sem saber porque foi preso, denunciado pelo garçom como fabricante ilegal de fósforos. Na cadeia Prometeu solitário padecia com a ausência da águia, que não tardou a encontrá-lo. Cada vez mais apaixonado, prosseguiu nutrindo-a com o objetivo de embelezá-la, ele cada dia mais exangue, ela mais exuberante. Um dia, conduzido por ela, fugiu da cadeia. Nesta nova etapa de sua vida, tornou-se confe-rencista-convitado. Sua primeira palestra intitulou-se: "Eu não amo os homens, amo o que os devora". Mas como sabia que no meio acadêmico a platéia freqüentemente se entedia, tomou a providência de fazer circular fotografias eróticas e foguetes para que a assistência não bocejasse. Enquanto isso, a águia fazia a coleta.

Gostaríamos que este trabalho fosse considerado um exercício literário utilizando conceitos psicanalíticos, e de forma alguma uma análise psicanalítica de um texto literário, o que teria um efeito reducionista, pois como o próprio Freud adverte "... diante do problema do artista criador, a análise, ai de nós, tem de depor suas armas" (1927, p. 205).

Escolhemos esta adaptação de um mito para ilustrar nossas considerações sobre algumas hipóteses da psicossomática, por sua incensurável força metafórica. Ao mesmo tempo não podemos nos impedir de associar às situações clínicas a subserviência com a qual o Prometeu de André Gide se oferece em sacrifício ao seu abutre, subjuzido por uma força maior.

Intrigou-nos neste ensaio que o autor tenha escolhido Prometeu, símbolo da sabedoria na mitologia, para exemplificar este protótipo de vítima que se compraz com o algoz. Hipoteticamente, Gide o elegeu como representante da sujeição (além do propósito lúdico, obviamente) pelo detalhe do anel de rocha, forçado por Zeus a portar, como símbolo da submissão. (Parece ser esta a origem da aliança de casamento) (cf. Chevalier e Gheerbrant, 1982).

No nosso cotidiano clínico, a escravidão se revela sob diversas figuras: a tirania da droga, do outro, e também da doença física. Foi por esta vertente que decidimos encetar a metáfora.

Buscamos identificar a dor de Prometeu como a de um sofrimento corpóreo tendo o fígado como órgão de choque. Apresentaremos em seguida algumas analogias das situações e personagens desta história que nos fazem refletir sobre o que leva um sujeito a fazer um episódio somático em decorrência de uma falência simbólica.

A SITUAÇÃO TRIANGULAR

Ao sair do Cáucaso, Prometeu sai da mitologia e se torna um cidadão do mundo, regido por leis terrenas, e é solicitado a entrar na situação triangular (mesa para três), onde cada um é identificado por uma placa onde está escrito seu nome e profissão. Isto pres-

supõe um nível de desenvolvimento psíquico dos participantes compatível com papéis definidos. Mas a águia/abutre o impede de integrar o trio. O garçom é o representante da linguagem à qual veicula a lei social que dita a ordem. Mas a águia rasga esta ordenação, talvez porque esta esteja mal-ancorada. É bizarra a repreensão sofrida por nosso herói; ela se funda na deselegância, na etiqueta, ou seja, na aparência, no *faire semblant* e não na deontologia: "... em Paris é deselegante alimentar águias com seus próprios fígados". A própria punição de Prometeu demonstra o fracasso do ordenamento legal, a incompetência do inquirido e apuração, assim como da acusação. Prometeu é, efetivamente (já que a águia respondeu ao seu chamado), responsável pela lesão causada em Coclès e pelo prejuízo material, quebra da vidraça, mas ele é preso pelo suposto crime de ser fabricante ilegal de fósforos. Impunidade para o delito de fato, castigo para o de suspeição. Isto nos lembra o processo de Kafka.

Ao mesmo tempo Prometeu não se defende, não se afeta, pois não se implica. No entanto, ele é culpado por outro crime: o de não se descolar do abutre/mãe, pagando o preço da servidão.

Corolário de tamanha incongruência de códigos, é o poder da águia. Ao furar os olhos de Coclès, a águia (mãe/doença) promove a dissolução do ternário simbólico. Ela deixa de ser "... uma mãe desejanse, a que **olha** para outro lugar, isto é, para o significante do seu desejo" (Násio, 1993, p. 18). Esta seria a mãe que, por não olhar apenas para a sua criança, permitiria emergir a subjetividade da mesma, promovendo a separação da mônada mãe/bebê. A águia (mãe/doença)

destrói essa possibilidade quando fura os olhos de Coclès (castra-o), destituindo-o do posto de significante fálico para si própria. Assim, ela só tem olhos para Prometeu.

UMA EXPERIÊNCIA FUSIONAL E SUAS DECORRÊNCIAS

Na maioria dos analisandos que tendem a somatizar, seus conflitos parecem ter atingido um estágio normal de organização edipiana... Entretanto, o processo analítico tende a revelar, salvo algumas exceções, que essa estrutura edipiana está enxertada numa organização bem mais primitiva, na qual a imago paterna aparece deteriorada ou mesmo totalmente ausente, tanto no mundo simbólico da mãe quanto no da criança. (McDougall, 1989, p.47)

No momento em que a águia(mãe) adentra o bar num enorme frenesi, castrando Coclès, que representa uma das figuras do triângulo estipulado pelo garçom (lei), ela rompe, desorganiza esse triângulo, restando para Prometeu apenas a possibilidade de uma relação dual, fusional.

Podemos dizer que a vida psíquica começa com uma experiência de fusão, promovendo fantasias da existência de um só corpo para dois. "Para nascer como indivíduo é vital para a criança essa experiência de fusão com a mãe" (Pedrozo, 1995, p. 89). Como bem percebeu Winnicott, não há tal coisa chamada bebê, inicialmente o que se vê é um par lactante-lactente. Neste momento a unidade não é o indivíduo, mas a mãe ambiente-indivíduo.

Apenas se houver possibilidade de separação dessa mãe será criado "um mundo externo ao mesmo tempo que o bebê adquirirá uma membrana limitadora e um interior". (Winnicott, 2000, p. 167).

Quando a diferenciação mãe/bebê não fica bem estabelecida, uma dissociação entre psique e soma se sucede, matriz das futuras doenças psicossomáticas. Tudo aquilo que dificulta a capacidade do bebê de diferenciar-se, pode transformá-lo num indivíduo com tendência a traduzir conflitos psíquicos em sintomas orgânicos, perdendo a capacidade de reconhecer como seus, pensamento e afetos, desorganizando-se. Corpo e emoção são vivenciados como algo externo e frequentemente ameaçados. A doença se torna um recurso, talvez o único, para que, pelo sofrimento, se sinta cuidado. "Um corpo que sofre é um corpo vivo ... só que sendo uma atuação essa dependência não leva ao *insight* e aos cuidados mentais" (Pedrozo, 1995, p. 92). A criança funciona como uma extensão da mãe (pode ser um fígado para dois), cuja imagem é então cindida: uma idealizada, poderosa, e outra mortífera.

A águia (mãe/doença) submete Prometeu a uma cerimônia canibalística, na qual ele é sugado e seu fígado/emoção é roído e devorado. É uma dupla que se basta: um se oferece docilmente, sem resistência, o outro se alimenta dessa disponibilidade.

Neste ponto, gostaríamos de ressaltar, a título de curiosidade, que na antiguidade o fígado era reconhecido como sede das emoções e símbolo da vida, da ligação com o mundo e da captação do seu sentido, da diferenciação e valorização. Do ponto de vista fisiológico, apesar de ser o único órgão que se auto-regenera, o fígado não admite excessos, adoece por estar assimilando algo em demasia, que ultrapassa sua capacidade de metabolizar.

Coincidentemente, Pierre Marty (1993) conceitua o somatizante como alguém que sofre de uma insuficiência de representação decorrente de um excesso de energia.

A doença de Prometeu não se relaciona a sua imagem corporal, a algo fantasmático, ele adoece, seu fígado/emoção é exposto e corroído, e isso nos faz articular seu sofrimento com o do sujeito que teve suas emoções impedidas de surgir como suas; um sujeito desafetado, confundido com sua águia/mãe/doença.

A ATRIBUIÇÃO DE SENTIDO AO SINTOMA

E quando o tormento emudece a humanidade, um deus permitiu-me que revelasse como sofro.

Goethe (apud Freud, 1907)

Embora Prometeu tenha se tornado um conferencista, o que supõe uma ascensão ao simbólico, uma alusão à sublimação, sua palavra é chata, vazia, adormece a platéia, desafetada como o discurso dos normopatas.¹ Ora, não poderia ser de outro modo pois, como a psicanálise nos esclareceu, por sermos submetidos à lei do significante, estamos alijados da ligação direta com as coisas, com a *coisa-mãe*. Como nosso herói não sofreu esta interdição, para interessar a audiência é necessário distribuir figurinhas eróticas e foguetes.

Na nossa clínica esta tarefa nos cabe: erotizar nossos clientes, fazer com que sua libido ancilosada circule, porém por meio da palavra.

¹ Pacientes que não apresentam sofrimento neurótico, porém exibem uma pseudonormalidade e todas as características que Winnicott chamava de falso *self*.

A conferência é também o momento no qual ele decide falar de si e do seu sintoma: "não amo os homens, amo o que os devora". O que devora este homem é a mãe/doença. É nítida a falha narcisista veiculada por este enunciado: seu ego não pode se amar como objeto.

A platéia também somos nós psicanalistas, e para que não bocejemos de tédio como a primeira, precisamos fazer através da linguagem **plena**, uma construção do significado do sintoma; opormos à viscosidade do apelo à fusão um **trabalho**, para dar um sentido ao sintoma. Só assim não sucumbiremos. Ironicamente, nesta conferência, a águia faz a coleta, ainda aqui ela adquire o controle e retira benefício da situação se apossando da produção intelectual de Prometeu. A imagem do parasita, do rêmora.

A IDENTIFICAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

On ne peut pas oublier, mais on doit pardonner, pour donner aux autres la chance de devenir des hommes

Jorge Semprun²

No final do ensaio (fizemos um certo suspense), Prometeu mata a águia e convida seus amigos para comê-la, mas antes de degustá-la, profere as seguintes palavras: "... eu a como sem rancor, se ela tivesse me feito sofrer menos, sua carne seria menos gorda, portanto, menos saborosa. Da sua beleza guardei todas as plumas, com uma delas escrevo este livro." À incredulidade

dos amigos, ele retruca: "Não vêem como estou mudado?... encontrei o segredo do riso e a capacidade de brincar. Deixe os mortos com os mortos e vamos almoçar."

Este banquete se dá no restaurante onde tudo começou. Apesar de ser o mesmo é diferente, pois a vidraça quebrada foi substituída por outra, menos vulnerável, que resguarda a confraria da invasão intempestiva de abutres. Como uma membrana psíquica, que o protege da mãe devoradora que não dá lugar para que seu filho construa o espaço transicional do jogo e do riso, mas ao mesmo tempo não é opaca, impedindo a visibilidade do mundo.

É interessante observar que não há nem rancor nem culpa (que é o rancor voltado contra si próprio). Se assim não fosse ele se dobraria a uma outra forma de servidão. Vale aqui lembrar a diferença com relação aos filhos do pai da horda primitiva que experimentaram o arrependimento, tantas vezes confundido com o sentimento de culpa. Por isso, aquilo que outrora o pai os havia impedido de desfrutar, os filhos se proibem, em função de uma obediência retroativa. Em "Totem e tabu" (1912), os filhos mataram o pai para possuir as mulheres cobiçadas, seus objetos sexuais. Prometeu mata a mãe para possuir a sua autonomia, seu verdadeiro *self*.

Parece que efetivamente ele mata apenas a concretude desta mãe adesiva e petrificante. Mas delineia-se uma outra, simbólica, primeiramente engolida, introjetada e, por fim, metabolizada como suporte de identifi-

2> "Não podemos esquecer, mas devemos perdoar para dar aos outros a oportunidade de se tornarem homens". J. Semprun, num documentário da emissora TV5, sobre sua detenção num campo de concentração, apresentado em agosto de 2004.

cações. Só assim ele pode saboreá-la sem rancor, retomando o que lhe é de direito. Neste ponto também pode escrever sua história, ou recriá-la com sua bela pluma.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Verbetes "Anneau" in *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont, Jupiter, 1982.

FREUD, S. (1907). Escritores criativos e devaneio. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. IX.

_____. (1912). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIII.

_____. (1927). Dostoiévski e o parricídio. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.

GIDE, André. *Le Prométhée mal enchaîné*. Paris: Gallimard, 1925.

McDOUGALL, J. *Teatros do corpo*. O psicossoma em psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTY, P. *Psicossomática do adulto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

NÁSIO, J.-D. *Psicossomática – As formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PEDROZO, Tânia B.L. Winnicott: uma teoria psicossomática. In: MELLO FILHO, J. & LEAL SILVA, A.L.M. *Winnicott, 24 anos depois*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

WINNICOTT, D. W. *Da Pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Artigo recebido em setembro de 2004

Aprovado para publicação em novembro de 2005

ATUALIZAR



escuta

Os 10 mais vendidos entre novembro, dezembro de 2005 e janeiro de 2006

1º

Prostituição: o eterno feminino

Eliana dos Reis Calligaris

2º

Winnicott na clínica e na instituição

Renate Meyer Sanches (org.)

3º

Freud na filosofia brasileira

Leopoldo Fulgencio e Richard T. Simanke (orgs.)

4º

A invenção do psicológico

Luís Cláudio Figueiredo

5º

Melanie Klein. Estilo e pensamento

Luís Cláudio Figueiredo e M. Elisa U. Cintra

6º

Kant no Brasil

Daniel Omar Perez (org.)

7º

Psicanálise e educação.

Questões do cotidiano

Renate Meyer Sanches

8º

Psicanálise. Elementos

para a clínica cotidiana

Luís Cláudio Figueiredo

9º

Psicopatologia fundamental

Manoel Tosta Berlinck

10º

Espinosa, filosofia prática

Gilles Deleuze